

### **Com a palavra... Maria Ângela!**

Uma experiência de mídia impressa no ensino fundamental

**Nome:** Escola Municipal Maria Ângela Moreira Pinto

**Localização:** Bairro de São Francisco, Niterói, RJ

**Ano de fundação:** 2004

**Número de alunos:** 450 alunos

**Segmentos:** Educação infantil e dois primeiros ciclos da ensino fundamental

O prédio da Escola Municipal Maria Ângela Moreira Pinto é a antiga sede de um colégio particular. Pequeno, mas cuidadosamente decorado, localiza-se no bairro de São Francisco. Os alunos, em sua maioria, são filhos de empregados domésticos, garis, marceneiros e outros trabalhadores que prestam serviços às famílias de classe média-alta residentes na região.

- Queremos ampliar as oportunidades de escolha das crianças e suas perspectivas de futuro - explica a coordenadora pedagógica da escola Luciana Khun, que em 2006 participou – ao lado de outras duas professoras da mesma instituição – da oficina de comunicação e educação do projeto Educomunicar, promovido pela Bem TV. Estimuladas a pensar em uma atividade de desdobramento da oficina para o conjunto da escola, elas propuseram a criação de um jornal, todo produzido em parceria com os estudantes.

O primeiro número da publicação intitulada *Com a Palavra... Maria Ângela!* foi distribuído em novembro de 2006, durante a festa de fim do ano, que reuniu professores, funcionários, estudantes e suas famílias, na praia de São Francisco. Para chegar ao produto final, toda a escola foi envolvida em uma série de atividades. Alunos visitaram a redação de jornais, conheceram o Museu da Imprensa de Niterói, fizeram a análise comparativa de periódicos em sala de aula, entrevistaram donos de bancas de jornal. Tudo isso ajudou os estudantes a refletir sobre o papel social e a linguagem da mídia impressa. A produção dos textos, por sua vez, esteve a serviço do cotidiano letivo. Cada professor avaliou como o conteúdo sob sua responsabilidade poderia ser trabalhado para resultar em matérias para o jornal. Assim, a turma que estudava o clima ficou com a seção de previsão do tempo. Quem tinha excursão prevista no bimestre fez sua matéria sobre o passeio já programado. Os alunos da educação infantil publicaram textos coletivos produzidos em sala.

### **Como tudo começou**

As duas últimas aulas da oficina de capacitação de professores do Educomunicar eram destinadas à produção de projetos de multiplicação dos conhecimentos adquiridos pelos professores em suas escolas de origem.

- Nesses encontros, os professores de cada escola se agrupavam e recebiam a “missão” de pensar um projeto, identificando objetivos, dificuldades e facilidades. Orientamos que eles poderiam realizar oficinas para os outros docentes da escola, ou poderiam implantar projetos



de comunicação, o que permitiria à escola se apropriar dos conteúdos na prática - explica a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro.

Na E. M. Maria Ângela Moreira Pinto, a idéia de criar um jornal já existia.

- A oficina nos deu a oportunidade de concretizar esse desejo antigo - comenta a coordenadora pedagógica da escola, Luciana Khun.

Duas semanas depois da última aula da oficina, a Bem TV promoveu um “seminário de pactuação”, reunindo os professores, seus diretores e gestores das redes municipal e estadual de ensino. Nesse evento, o grupo da Maria Ângela teve a oportunidade de negociar a impressão de seu jornal diretamente com o secretário municipal de Educação.

- Aí, não tivemos problemas. Conseguimos garantir uma tiragem alta no formato que queríamos - ressalta a professora de informática Alessandra Dias, que também participou da oficina.

O passo seguinte foi apresentar a proposta do jornal para o conjunto de profissionais da E. M. Maria Ângela, numa reunião que contou com a participação da jornalista Olívia Bandeira de Melo, membro da coordenação do projeto Educomunicar.

- Meu papel foi descrever de forma sistematizada o processo de produção de um jornal, desde a reunião de pauta até a distribuição, ressaltando o potencial pedagógico de cada uma das etapas - afirmou Olívia.

A partir dessa exposição inicial, a equipe da escola dividiu tarefas e planejou o cronograma de trabalho. Mas o processo não foi isento de conflitos.

- Quando a gente apresentou a idéia para os outros professores, a proposta foi bem recebida, mas começaram a surgir indagações: “Como é que a gente vai fazer um jornal só para a escola toda?”, “Vai ser um tema único ou cada um vai trabalhar um tema?”, “Como é que a educação infantil vai participar?” - lembra a coordenadora pedagógica, Luciana Khun.

Segundo a professora Alessandra, algumas pessoas pensaram em desistir no meio do caminho. Já era outubro e alguns profissionais duvidavam que houvesse tempo para implantar um novo projeto pedagógico tão próximo do fim do ano.

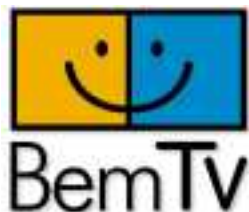
- Na rotina escolar, quando chega o final do ano e todo mundo está muito enrolado, é um tal de deixar pro ano que vem... Mas a gente não desanimou - explica Alessandra.

Ficou decidido que cada professora voltaria à sala de aula para escolher junto aos alunos o tema e o conteúdo da matéria que cada turma produziria. No encontro seguinte, com o retorno dado pelos alunos, seria decidida a pauta do jornal.

- O processo foi erro e acerto, erro e acerto. A gente ia experimentando, discutindo... Uma turma tentava fazer uma coisa, mas não dava certo. Tentava outra possibilidade e assim por diante - descreve a professora Alessandra.

Para Olívia, mais do que natural, essa aparente irregularidade é uma das riquezas do processo.

- A proposta de trabalhar comunicação e educação prevê o “aprender fazendo” e o “fazer aprendendo”. É uma tradução da idéia da reflexão voltada para a prática e da prática em permanente avaliação. Os alunos tornam-se mais “donos” de seu processo de aprendizagem e os professores têm a oportunidade de rever continuamente seu trabalho - diz a jornalista.



### **Produzindo os textos**

Antes de começar a produzir os textos, as professoras da E. M. Maria Ângela Moreira sentiram necessidade de trabalhar com os alunos a estrutura e a linguagem da mídia impressa.

- Primeiro conversamos com as crianças, perguntamos o que achavam da idéia do jornal. Depois trouxemos várias publicações para a sala de aula, fizemos a leitura para familiarizar os alunos com as diferentes seções e componentes dos jornais. Discutimos as funções deste veículo de comunicação e só então começamos a escrever - descreve Jéssica da Rosa, responsável pela turma do segundo ano do segundo ciclo do ensino fundamental.

A contribuição da turma coordenada por Jéssica foi uma entrevista, e ela conta como se deu essa escolha.

- Surgiu a oportunidade de visitarmos o Museu da Imprensa. Antes da visita, conversando com as crianças sobre o que publicaríamos no jornal da escola, eles tiveram a idéia de fazer uma entrevista durante o passeio. Elaboramos as perguntas e elegemos um repórter.

O escolhido foi Rogério Ferreira, de 11 anos.

- Fiz a entrevista com a guia do museu. Ela contou a história, explicou as coisas pra gente - comentou Rogério.

O estudante também fala sobre o trabalho prévio com jornais na sala de aula.

- Primeiro pegamos o jornal e cortamos as coisas que a gente gostava. Depois montamos nosso próprio jornal. Eu, por exemplo, cortei a parte que falava do futebol.

Francisco da Silva, de 9 anos, aluno de outra turma do segundo ciclo, participou de atividades diferentes em sala de aula.

- Nós cortamos o jornal e colamos as notícias que escolhemos no mural, com o nosso nome. Assim conhecemos melhor o jornal - diz Francisco.

A turma do Francisco ficou responsável pela seção "Carta dos leitores". Cada aluno fez uma pequena carta sobre diferentes assuntos de sua escolha. Aryna Alves, de 9 anos, decidiu alertar seus leitores sobre as dificuldades de quem mora em Niterói.

- As praias estão poluídas, existem pessoas que moram nas ruas e conseguir uma vaga numa escola pública está muito difícil - escreveu ela.

Já Francisco preferiu falar de coisas boas.

- Eu falei do recreio. É a parte que eu mais gosto da escola. Mas eu também gosto de estudar. O meu pai só fez a primeira série e ele não sabe ler muito bem, nem escrever. Tem que saber ler, tem que estudar pra poder trabalhar.

### **Quantas matérias cabem em um só jornal?**

Existem 22 diferentes turmas na E. M. Maria Ângela Moreira Pinto. Cada uma com cerca de vinte alunos e cada aluno fazendo um trabalho para o jornal. Fazendo rapidamente as contas, foram cerca de quatrocentos trabalhos produzidos pelas crianças em toda a escola. Como reunir tanto material em uma única publicação? O primeiro passo foi organizar um processo de seleção dentro das próprias turmas.



- Cada professor escolheu o seu método: alguns fizeram eleição entre os alunos, outros envolveram toda a escola no processo de escolha. O importante é dizer que o jornal foi um processo coletivo, mas cada professor, junto aos seus alunos, teve autonomia para decidir como fazer - alerta a coordenadora pedagógica Luciana Khun.

Após a seleção (dentro das salas de aula), cada professor encaminhava sua contribuição às professoras de informática: Alessandra Dias, no turno da manhã, e Valéria Cristina de Faria, no turno da tarde. As duas foram as responsáveis pela difícil tarefa de organizar as diferentes produções em seções e páginas.

- Os textos sobre as “aulas-passeio” do fim do ano viraram a seção “Visitei e gostei”. A reportagem de uma turma do primeiro ciclo que visitou o jornal *A Tribuna*, aqui de Niterói, foi a matéria de capa. O trabalho da educação infantil (textos coletivos a partir de reportagens publicadas) virou a sessão “Vi no jornal” – conta Valéria.

Como todos os alunos passavam pela aula de informática, esse foi o espaço que possibilitou o encontro de todos os produtos realizados em sala de aula. As professoras de informática foram os “fios condutores”, que organizaram os materiais, sempre em parceria com os alunos.

- Eles digitaram as matérias, escanearam desenhos. Eu e a Valéria fomos arrumando a “cara do jornal” a partir do que era produzido em sala de aula e trazido para o computador pelos alunos - explica Alessandra, que, sorrindo, complementa: - Mal sabíamos que o momento mais conturbado ainda estava por vir - diz referindo-se à diagramação do jornal.

#### **Criando a “cara” do jornal**

Depois de incluir todo o material no computador, é preciso criar uma identidade visual. Decidir o formato da publicação, o tipo de letra, escolher as ilustrações e definir o nome da publicação.

- Para escolher o título e a logomarca do jornal, fizemos uma eleição onde cada turma escolhia um nome e depois todos na escola elegiam o melhor. A logomarca foi desenhada por uma aluna do primeiro ciclo numa aula de artes. O desenho teve tão boa aceitação que virou um símbolo da escola. Fizemos até camisetas com esse desenho - diz Luciana Khun, mostrando a camiseta com a estampa de um menino que lê, feliz, um exemplar de algum jornal. Provavelmente, o próprio *Com a palavra... Maria Ângela!*.

Nome e logomarca escolhidos, era hora de diagramar o jornal, organizando, com auxílio de um computador, os textos e as ilustrações em cada página. O trabalho não pôde ser feito na escola, já que os computadores não possuíam os programas adequados.

- Entramos em contato com estudantes da Universidade Federal Fluminense para ver se teria alguém que pudesse nos ajudar nesse processo. Um estudante de comunicação social se interessou, mas na correria de final de ano terminamos perdendo o contato com ele. Aí, conheci uma pessoa que trabalhava com isso e ela aceitou nos ajudar. Ficamos um final de semana inteiro trabalhando para diagramar tudo. Na segunda-feira, apresentei para as colegas, que pediram algumas mudanças e, assim, chegamos nessa versão final - conta Alessandra.



O jornal *Com a palavra... Maria Ângela!* foi impresso em papel *couché*, formato duplo A4, com oito páginas coloridas. A impressão de alta qualidade, embora garantida pela Secretaria Municipal de Educação, gerou controvérsias.

- A prefeitura não teria condições de garantir a publicação regular de um jornal assim. Se o formato for esse, a escola só poderá imprimir um por ano, no máximo, o que compromete o uso da mídia como metodologia pedagógica. Na nossa opinião [da secretaria], é mais importante garantir uma regularidade desse trabalho, ainda que isso signifique um jornal não tão elaborado - salienta a coordenadora de informática educativa da Secretaria Municipal de Educação, Adriana Neves.

Para a coordenadora pedagógica da E. M. Maria Ângela Moreira Pinto, a opção por uma publicação mais sofisticada no que diz respeito ao formato tem relação com o desejo de melhorar a auto-estima da equipe escolar.

- A gente buscou a melhor qualidade para que os professores, os alunos e seus familiares ficassem mesmo com muito orgulho do que produziram. Fazemos parte de uma escola pública, mas não por isso temos que desenvolver projetos com menor qualidade - explica Luciana.

#### **Comunicação e auto-estima: novas formas de educar**

Com o jornal pronto, era preciso divulgar entre os alunos a novidade e preparar a festa de fim de ano com a distribuição dos exemplares para estudantes e familiares. Nesse momento, foi possível perceber os resultados de tanto esforço coletivo.

- Tem uma imagem que eu lembro e que me marcou muito - recorda Luciana. - No meio daquele tumulto da festa de final de ano, que a gente sempre faz na praia de São Francisco, no meio daquela confusão de crianças correndo pra lá e pra cá, naquela brincadeira toda, uma das alunas pegou o jornal, parou, deitou na areia e começou a folhear calmamente o jornal, procurando o seu trabalho. Ela ficou ali lendo, tranqüila... Essa imagem ficou muito forte em mim.

Perceber as diferentes reações de quem tem em suas mãos o trabalho elaborado nas salas de aula, nas reuniões pedagógicas, na sala de informática ou até nos corredores foi uma experiência gratificante para todos.

- Acho que entre a gente, professores, a reação foi uma mescla de orgulho e sentimento de vitória: apesar de tanta loucura, conseguimos! - lembra Luciana. - Já os alunos ficaram muitos felizes de reconhecer os seus trabalhos. Os pais também. Foi um trabalho coletivo. Cada um reconhecia um pedaço desse jornal como seu - acrescenta ela.

Rogério e Francisco têm opiniões diferentes sobre como foi a experiência de fazer seu primeiro jornal. Francisco diz que achou "legal", porque "nessas aulas a gente conversa mais com os professores". Já Rogério acha que a relação com os professores não muda - "são os professores normais e os alunos normais" -, mas ele aponta outro ganho: "a auto-estima da escola".

- Como assim? - perguntamos.

- É... Parece uma escola mais organizada... Você sabe como é que é: "Olha, essa escola tem um jornal! Vou colocar o meu filho lá!" - responde Rogério.



- E isso é aumentar a “auto-estima da escola”? – insistimos na pergunta.

- É, a gente passa a sentir orgulho, né? - complementa o menino.

Entre tantos textos e imagens que nos cercam em nossa vida cotidiana, trabalhar com as tecnologias de informação e comunicação em sala de aula pode significar uma forma diferente de envolver alunos e professores em novas descobertas.

-A escola ficou muito tempo com aquela coisa: quadro negro, professor e sala de aula. Com um projeto como esse, você mostra que existem outras maneiras de trabalhar, existem outras linguagens. O texto não é só o texto escrito, não é só escrever, uma imagem também é um texto, que pode e deve ser lido - propõe Luciana, acrescentando que a inovação das práticas e a garantia de variados recursos pedagógicos sempre foram preocupações da escola. - Arrecadamos dinheiro em festas, bingos e já compramos máquina fotográfica digital, câmera de vídeo e outros equipamentos - diz ela.

Em 2007, um bate-papo entre os alunos da escola e a editora do “Globinho” (suplemento infantil do jornal *O Globo*) Josy Fishberg foi, segundo Luciana Khun, o pontapé inicial para o segundo número do jornal *Com a Palavra... Maria Ângela!*, que foi publicado em dezembro de 2007. Há planos de novos projetos envolvendo comunicação e educação para 2008. Desenvolver experiências com a fotografia ou realizar um vídeo-documentário sobre o cotidiano de alunos e professores são algumas das idéias. Está dada a largada para um novo ciclo de experiências e aprendizados.

#### **Conversa com quem faz jornal**

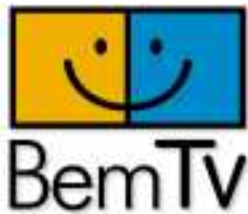
Dando continuidade ao projeto iniciado com a publicação do jornal *Com a Palavra... Maria Ângela!*, os alunos da E. M. Maria Ângela Moreira Pinto participaram, já em 2007, de um encontro com a jornalista Josy Fishberg, editora do “Globinho”, suplemento infantil de *O Globo* (um dos jornais de maior circulação no estado do Rio de Janeiro). Segundo a coordenadora pedagógica Luciana Khun, foi uma oportunidade das crianças terem contato com a rotina de um veículo da chamada “grande mídia”.

- Eles aprenderam sobre os muitos processos que acontecem no espaço da redação de um jornal de grande porte - diz ela.

O encontro foi possível com o apoio da equipe do projeto Educomunicar, que identificou a palestrante e agendou a visita.

- Trabalhamos a partir da demanda da escola, que manifestou o desejo de dar prosseguimento ao projeto do jornal. A desmistificação dos processos da grande imprensa parecia um aspecto ainda não contemplado, considerando as atividades do ano passado - explica a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro.

Durante a conversa, a jornalista respondeu às variadas perguntas das crianças do segundo ano do segundo ciclo: “É difícil ser jornalista?”, “Por que um jornalista se arrisca por uma matéria?”, “Como vocês selecionam os trabalhos das crianças que aparecem no jornal?”, “Você já foi processada?”. Depois, foram organizados exercícios práticos, em que as crianças vivenciavam a rotina de um repórter: o primeiro parágrafo de uma matéria era lida e as



crianças definiam quais seriam os personagens que deveriam participar de uma “encenação” da reportagem.

Na primeira notícia – de um quase seqüestro –, três crianças representaram a conversa entre o repórter, a vítima e o policial. Na segunda, a abertura de uma exposição de artes plásticas voltada para crianças, os alunos ficaram em dúvida: além do repórter, quem iria participar? Depois de muita conversa paralela, a jornalista “de verdade” ajudou.

- Além do artista, que tal a gente entrevistar uma criança para saber se ela gostou dos quadros? – sugeriu Josy.

Sugestão aceita, e mais uma encenação acontecia nesta movimentada manhã escolar.

Dandara Oliveira, de 9 anos, mostrou-se animada com o que aprendeu.

- A gente viu como é que se faz uma reportagem: primeiro você tem que saber o local, depois você decide quem você vai entrevistar - ensina.

Érika Domingos, de 11 anos, já começa a pensar em como aplicar os novos conhecimentos.

- A gente podia fazer uma matéria sobre a escola, sobre como os professores ensinam. Aí a gente pergunta pro professor e pro aluno, né? – diz Érika.

Ficam entreabertas muitas possibilidades e caminhos para que mais uma experiência com a mídia impressa seja realizada na escola. E, ao que parece, motivação entre os alunos é o que não falta.